



ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE FILOSOFIA**

HERIK MARQUES DA SILVA

**DEUS ESTÁ NO VAZIO DO HOMEM – SOBRE O DESPRENDIMENTO EM
MESTRE ECKHART.**

**CAMPINA GRANDE
2016**

HERIK MARQUES DA SILVA

**DEUS ESTÁ NO VAZIO DO HOMEM – SOBRE O DESPRENDIMENTO EM
MESTRE ECKHART.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
em Filosofia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof. Dra. Maria Simone Marinho
Nogueira.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586d Silva, Herik Marques da
Deus está no vazio do homem - sobre o desprendimento em
Mestre Eckhart. [manuscrito] / Herik Marques da Silva. - 2016.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira,
Departamento de Filosofia".

1. Mestre Eckhart. 2. Divina consolação. 3.
Desprendimento. 4. Vazio. 5. Filosofia medieval. I. Título.


21. ed. CDD 189

HERIK MARQUES DA SILVA


**Deus está no vazio do homem – sobre o desprendimento em
Mestre Eckhart**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Filosofia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Filosofia.

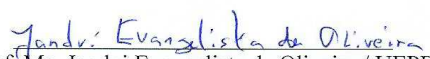
Aprovado em 26/04/2016.



Profa. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Orientadora



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Examinador



Prof. Me. Jandui Evangelista de Oliveira / UEPB
Examinador

Dedico esse trabalho a minha filha, Yanni B. Marques,
ela que é para mim, a maior prova de que Deus é
delicadeza.

“Estar vazio de toda criatura é estar cheio de Deus. E estar cheio de toda criatura é estar vazio de Deus.”

Mestre Eckhart

DEUS ESTÁ NO VAZIO DO HOMEM – SOBRE O DESPRENDIMENTO EM MESTRE ECKHART.

Herik Marques da Silva¹

RESUMO

Nesta pesquisa veremos que o desprendimento proposto em Eckhart não é e nem deve ser compreendido como sendo utilitarista ou mesmo de serventia. Tendo em vista que o homem não é possuidor da dinâmica do desprendimento, uma vez que é o próprio desprendimento que possui o homem, ou melhor dizendo, somente aquele que vive na dinâmica do desprendimento pode compreendê-lo. Para Eckhart, o desprendimento está acima do amor, da humildade, da misericórdia e de outras virtudes, pois quando nos referimos a uma determinada virtude, queremos conquistá-la. Todavia, o verdadeiro desprendimento não está preso a isso, mas estará desprendido do próprio desprendimento, trata-se de um querer sem quer. A mística proposta dentro do conceito eckhartiano de desprendimento visa restabelecer um dialogo entre Deus e o homem. Onde para tal, se faz necessário buscar o verdadeiro sentido de ser desprendido. O homem deve voltar-se para Deus, com todo o seu ser. Todavia, a proposta de Eckhart, é que esse retorno a Deus deve se dar no cotidiano, em meio a situações mais comuns possíveis. É na vida cotidiana que se revela a vida desprendida. Logo, o desprendimento não se dá por meio de regras ou normas.

Palavra-chave: Mestre Eckhart. Divina Consolação. Desprendimento. Vazio. Filosofia Medieval.

¹ Aluno de graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – CAMPUS I.
Email: herikmarques@ig.com.br

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 7 |
| 2 A MÍSTICA ECKHARTIANA | 9 |
| 2.1 A DISPONIBILIDADE OU A QUESTÃO DO DESPRENDIMENTO EM DUAS OBRAS ALEMÃES DE ECKHART | 13 |
| 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 22 |
| REFERÊNCIAS | 24 |

1 INTRODUÇÃO

O nosso interesse nesta pesquisa é tentar compreender o fenômeno do desprendimento no pensamento do místico medieval Mestre Eckhart. Para tanto, o trabalho será dividido em dois momentos. O primeiro será introdutório e terá como fim revelar o entendimento acerca da Mística, destacando a importância da mística eckhartiana e a ideia do desprendimento. Para tal, iremos trabalhar com o entendimento de Leonardo Boff no que diz respeito à mística de Mestre Eckhart. Tomaremos por referência de base a Introdução de Boff ao *Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. A forma como Leonardo Boff aborda o tema facilitou a compreensão. Entendemos ser essa a maneira mais viável para uma melhor compreensão e introdução da mística eckhartiana.

No segundo momento, trataremos da definição eckhartiana acerca do desprendimento. E buscaremos mostrar que se faz necessário um esvaziamento total para um real e verdadeiro reencontro entre Deus e o Homem. Tendo em vista que para Eckhart, o desprendimento é condição fundamental para o reestabelecimento da comunhão entre Deus e o homem, quando atingir o vazio completo de si mesmo, por meio do desprendimento, o homem reencontrará Deus. Uma vez que o distanciamento entre o homem e Deus gera no homem um desconsolo que acarreta ao próprio homem sofrimentos, desventuras e males, uma perfeita renúncia de si mesmo, ou seja, por meio do desprendimento total, o homem será consolado por Deus. Assim, terá novamente a imagem perfeita e, conseqüentemente, a comunhão com o divino.

O tema será exposto, se não em sua totalidade, dentro do horizonte de pensamento da filosofia alemã de Mestre Eckhart, ao menos na sua proximidade. O tema é apaixonante que tanto interessa à filosofia e à teologia, como também é de interesse das Ciências da Religião. Por outro lado, por se tratar de um tema bastante amplo e complexo, impõe limites a esta breve exposição, de maneira que não será possível ir além de seus aspectos mais centrais e significativos acerca da mística e do desprendimento total. Buscaremos, assim, trabalhar o tema à luz dos Sermões de Mestre Eckhart, a saber – *Sobre o Desprendimento e a Excelência de Marta sobre Maria*.

A filosofia medieval e principalmente o campo da mística são alvos de inúmeras críticas. Sendo assim, buscaremos argumentos que venham a contribuir com o entendimento da filosofia medieval. A intenção é levar o entendimento místico ao centro do debate acadêmico e, assim, avivar o discurso filosófico acerca do tema. Temos plena consciência que se faz necessário que a sociedade hodierna desperte para o tema proposto. Uma vez que

religião, razão, fé e entendimento são questões ainda de muitas controvérsias e que de certa forma geram uma intolerância religiosa.

A diversidade religiosa é, sem dúvida, uma das mais marcantes características da humanidade. E a multiplicidade de crenças torna cada vez mais complexa a relação entre os povos. Assim como a diversidade étnica, a diversidade religiosa acabou resultando em intolerância nas mãos dos homens. Muitos conflitos armados e ideológicos, como por exemplo, as Cruzadas do século XIII ou mesmo os embates entre católicos e protestantes na Irlanda do Norte tiveram alguma ligação com o preconceito religioso. O certo é que, lidar com as diferenças sempre foi um grande desafio para a humanidade. E vemos que no diálogo está a melhor solução na luta contra o preconceito e contra a intolerância.

Hoje, no século XXI, com o processo de globalização cada vez mais amplo, as diferenças entre os povos e por sua vez, entre os indivíduos fica ainda mais explícita, aumentando assim a intolerância e concomitantemente o preconceito. Diante disso, o tema elencado nessa pesquisa visa elevar o discurso e a desconstrução de tais sentimentos, ou seja, que venhamos a discutir a necessidade de se desprender de sentimentos que tão somente destroem e separam os homens, assim como é proposto por Mestre Eckhart.

As pretensões da pesquisa, como já mencionado, é buscar dentro da obra de Mestre Eckhart – o aguçar do discurso, a elevação do entendimento acerca da razão e da sensibilidade, respectivamente da filosofia e da mística. Assim, provocar o desprendimento, como é proposto por Mestre Eckhart, de sentimentos como a intolerância e o preconceito. Sentimentos esses que ainda pairam nos chamados centros acadêmicos, evidenciando, assim, prioridades estabelecidas por Mestre Eckhart para se atingir o desprendimento total.

2 A mística eckhartiana.

O alemão Mestre Eckhart foi filósofo, místico e considerado herege pela Santa Inquisição por volta do ano de 1329. Stefani e Magalhães (2008) afirmam que Mestre Eckhart nasceu na cidade de Hochheim, perto de Gotha, em meados de 1260, morreu um ano antes de ser condenado, por volta do ano de 1328. Ingressou na ordem dominicana, tornando-se mestre em teologia em 1302. Considerado por muitos como ousado em suas pregações, Eckhart as ministrava em alemão contrariando assim as determinações da Igreja que impusera os sermões em Latim, mesmo a Igreja sabendo que o povo não compreendia tal língua.

Acerca da mística, é possível esclarecer que se trata de um adjetivo (em grego *mystikós*) da palavra mistério (*mysterion*). Por sua vez, a palavra mistério se apresenta com vários significados na leitura Bíblica do Antigo testamento, dentre os quais, o texto do Profeta Daniel, em seu capítulo 2 e versos 28-29 e 47 – onde o mistério só será revelado a pessoas separadas e inspiradas por Deus.

Mas há um Deus no céu, o qual revela os mistérios; ele, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de acontecer nos últimos dias; o teu sonho e as visões da tua cabeça que tiveste na tua cama são estes: Estando tu, ó rei, na tua cama, subiram os teus pensamentos, acerca do que há de ser depois disto. Aquele, pois, que revela os mistérios te fez saber o que há de ser. Respondeu o rei a Daniel, e disse: Certamente o vosso Deus é Deus dos deuses, e o Senhor dos reis e revelador de mistérios, pois pudeste revelar este mistério. (DANIEL 2.28-29. Grifo nosso).

Neste mesmo sentido, os textos Neotestamentários indicam que o mistério é Cristo e que foi revelado à Igreja (1Co 2.6-16; Ef 3; Cl 1.26-29). Boff (1994, p. 15) diz que, na Igreja Antiga, o termo mistério foi traduzido por *sacramentum*, esse termo constitui a chave principal para expressar a fé cristã – que conduz o indivíduo a um contato com uma realidade transcendental. Sendo assim, o mistério é o plano de Deus de salvação dos homens, bem como da libertação da criação.

Este mistério possui essencialmente uma dimensão cósmica (*mystérion kosmikón*) pois pervade toda a criação e ordena tudo para culminar em Cristo e no Espírito e finalmente desembocar no Pai. Mística e místico é tudo o que se refere a este mistério. [...] Mística é aquela pessoa que consegue ver na história e em todas as articulações da existência humana este fio condutor divino que tudo une, tudo ordena e tudo eleva (BOFF, 1994, p. 15).

A mística tratada por Eckhart, em sua obra alemã, traduz a possibilidade de um conhecimento sem que ocorra uma mediação. Segundo ele, é possível tocar imediatamente o real. Passamos assim a ser um com o real, melhor dizendo, a experiência mística é a experiência da unidade de tudo com o Supremo Princípio. Todavia, se faz necessário esclarecer que tal unidade é uma unidade dialética, constituída das diferenças das partes envolvidas, onde as unidades são uma só realidade, ou seja, é possível ser um com Deus sem deixar de ser quem é, mas para tal, se faz necessário se sentir um com Deus e só se sente um com Deus quem tem acesso direto ao Supremo Princípio.

A mística eckhartiana não consiste em manifestações dos dons espirituais, nela se nos apresenta, “a fé e a agudeza do pensamento, a força do desejo e a intensidade da busca como caminhos de encontro e união com Deus” (BOFF, 1994, p. 42). Eckhart sugere ainda que não se trata de um caminho apenas para alguns poucos, mas que esse caminho é possível a todos. O caminho a Deus é constituído de coisas ordinárias e não de coisas extraordinárias. A obra da mística é revelar que todas as coisas têm seu outro lado. E entender o outro lado das coisas é perceber que o visível é parte do invisível. O mistério não é o limite do conhecimento, mas é o ilimitado do conhecimento. Conhecer mais e mais, entrar em comunhão cada vez mais profunda com a realidade que nos envolve, indo para além de qualquer horizonte é indubitavelmente fazer a experiência do mistério. Não é apenas pensar as coisas, mas sentir as coisas tão profundamente que percebemos o mistério fascinante que as habita. Mística não é, simplesmente, refletir acerca de Deus, mas sentir Deus em todo o ser. Concomitantemente, mística não é falar a respeito de Deus, mas falar a Deus e entrar em comunhão com Deus.

A mística em si mesma é libertadora, diz Boff (1994, p. 43). A mística não compactua com os esquemas forjados pela vontade do poder e das organizações religiosas ou não religiosas. Para Eckhart, o místico busca invocar a Deus e não as autoridades religiosas para garantir a veracidade dos seus testemunhos, tendo em vista que a legitimidade de sua experiência não é provida por padrões pré-estabelecidos por instituições religiosas, mas sim, pela verdade intrínseca do que experimenta e testemunha.

O tempo de Eckhart é caracterizado por grandes conflitos na sociedade e na Igreja ensejando movimentos populares de reforma de cunho pauperista e de forte crítica às instituições, manejando uma retórica contra o dinheiro e os abusos do poder dos príncipes e hierarcas. A própria utilização da política; tomava o partido dos humildes abandonados social e religiosamente (BOFF, 1994, p. 44).

O tempo em que viveu Mestre Eckhart é marcado “[...] por profundas rupturas [...] entre ciência e fé, entre trono e altar, entre evangelho e história” (BOFF, 1994, p. 23). E é em meio a essa realidade que segundo Eckhart emerge a experiência mística, ou seja, a mística surgiu como resposta ao momento crítico daquele período, onde até as palavras perderam sua força de expressão e de significado. A decadência histórica desse período passa a refletir no pensamento e mostra que as palavras não transmitiam mais a realidade da coisa descrita, caindo assim no nominalismo: as palavras são meras palavras (*nomina, flatus vocis*) e não colhem a realidade das coisas e, assim, os significados ficam arbitrários ao sabor dos que dispõem de poder, ou seja, é uma realidade imposta por aqueles que estavam no poder. É em meio a esse contexto que Mestre Eckhart faz uso da mística como resposta a uma crise de valor moral, ou seja, se as palavras são manipuladas e não mais expressam a veracidade da realidade é necessário recorrer à experiência mística. Logo, a mística segundo propõe Eckhart, é um caminho possível a Deus, é o acesso direto a fonte da verdade. O que o Mestre sugere, aqui, é que se a instituição religiosa não consegue ou mesmo não quer conduzir o povo de forma verdadeira e pura e apenas está preocupada em como exercer o controle, melhor dizendo, para ele o que ocorreu foi uma institucionalização da verdade, sendo assim, se faz necessário abandonar as vias intermediárias e buscar chegar a Deus por um caminho direto. E a proposta vista no pensamento eckhartiano é o caminho da experiência mística, melhor dizendo, ele propõe um sacerdócio universal, que é um acesso imediato ao divino de forma não litúrgica, não institucionalizada.

Ao se posicionar de forma contrária ao pensamento e às práticas religiosas da sua época, custou a Mestre Eckhart o título de semeador de abrolhos e inimigo da fé. Foi assim chamado pelo “Papa João XXII, no dia 27 de março de 1329 com a Constituição da bula *In agro dominico*” (BOFF, 1994, p. 27), o título em seu desfavor é o que seria na prática como um semeador de espinhos em meio aos campos do Senhor, ou seja, jogar espinhos em meio ao trigo, um semeador da discórdia. Nessa ocasião, 28 artigos do Mestre foram considerados heréticos. É certo que a linguagem dos místicos que evoca uma experiência direta com Deus

incomodava os pregadores e teólogos da Igreja. O Papa João XXII disse acerca de Mestre Eckhart: “quis saber mais do que era necessário, em dissonância com a sensatez e com as diretrizes da fé, porque afastou seu ouvido da verdade e voltou-se às fabulações” (JOÃO XXII apud BOFF, 1994, p. 27). A instituição religiosa que por sua vez está assentada em bases que exigem mecanismos de controle, dificilmente aceitaria a experiência mística. A igreja não possui “[...] flexibilidade para entender a linguagem ousada dos que experimentaram o inefável do Mistério” (BOFF, 1994, p. 27). Para Teixeira (2012, p. 276), Eckhart enfraqueceu o papel da Igreja na relação do homem com Deus, uma vez que seu discurso tinha uma conotação compreensível de como se dá a experiência direta com o divino e, assim, só lhe restou um lugar, diz Teixeira:

[...] ficar entre os hereges. Mesmo que, em última instância, a sua única heresia tenha sido a proposta de pensar Deus enquanto diferença teológica que horizontalizava a transcendência e trazia Deus para a intimidade da experiência humana não como representação, mas como experiência (TEIXEIRA, 2012, p. 276-277).

Quanto à proposta de Eckhart da experiência mística, concluímos que, não é simplesmente querer, tendo em vista que o querer já seria mais um obstáculo na relação entre Deus e o homem. Este relacionamento imediato com Deus que é proposto por Mestre Eckhart tem uma única e difícil etapa, que é a do desprendimento total, ou seja, ele usa com propriedade a palavra *Abgeschiedenheit*: palavra cunhada por Mestre Eckhart, que em seu sentido mais amplo remete para a ideia de um vazio completo; para facilitar o entendimento, “[...] devemos pensar em sinônimos como desprendimento, completa disponibilidade e total liberdade” (VIER, 1994, p. 147). Para Teixeira (2012, p. 114), o termo *Abgeschiedenheit* – desprendimento – é formado do prefixo *ab* traduzido por desvio, distanciamento e do termo *scheiden* traduzido por despedir-se, separar-se. O problema da palavra não reside em seu significado, mas no que ela significa em nossa existência. O desprendimento eckhartiano visa o ser mesmo de Deus e do homem na medida em que é em Deus, ou seja, o desprendimento total para Eckhart é uma participação em Deus.

Todavia, esses termos não visam a si mesmos, mas sim, a própria presença de Deus. É o que tentaremos mostrar que no vazio do homem é que está Deus. É importante resaltar que o homem não deve provocar este vazio para ter um relacionamento com o divino, mas se

esvaziar de forma tão natural e despreziosa que Deus virá ao seu encontro. Como diz Eckhart, é necessário ao homem esvaziar-se totalmente no querer, no saber e no ter, sabendo que a vontade de querer e o próprio querer são barreiras para que não ocorra o imediato acesso a Deus – desta forma, o homem não terá uma comunhão plena e verdadeira com Deus. Por melhor que seja a intenção do indivíduo, ainda assim não será suficiente para uma verdadeira comunhão com Deus. Mesmo que diga em seu coração: gostaria de ser feliz e bem sucedido, não será suficiente, melhor dizendo, nada é suficiente para conduzir o homem a Deus: se Deus não for ao encontro do homem, nada acontecerá. Porete (2008, p. 205) lança o seguinte exemplo, certo homem que tenha uma terra e precise tirar dessa terra o seu sustento, ele ara, cultiva e escava essa terra, da forma que pensa ser mais eficiente possível para que essa terra seja bem produtiva ao lançar a semente na terra. Mas quando esse homem que cultivou e cavou a sua terra e dentro dela colocou uma semente, a partir desse instante todo o seu conhecimento da lida no campo não pode mais ajudá-lo a fazer nada, a não ser, aguardar em Deus. Pois é necessário que a semente se desintegre na terra para que só assim surja um novo fruto dela para o sustento do homem. Agora, como essa semente se desintegra e como revive é algo que ninguém sabe explicar a não ser o próprio Deus. Isso significa dizer que, por mais que homem se esvazie dos seus conceitos exteriores e de suas paixões nada poderá fazer ou mesmo alcançar se Deus não for ao seu encontro, enquanto o homem não se desprender de tudo, ou seja, se deixar vazio, Deus não o preencherá com o seu ser.

2.1 A disponibilidade do homem ou a questão do desprendimento em duas obras alemãs de Eckhart.

Pode-se dizer, portanto, que o desprendimento ou a total disponibilidade é o acesso que conduz à perfeita comunhão entre Deus e o homem. E assim, Deus se faz presente no coração desprendido. É o que tentaremos mostrar mediante leituras das obras eckhartianas.

Para Teixeira (2012, p. 125), o importante na concepção eckhartiana é não deixar-se tomar pelas coisas, não se envolver ao ponto de deixar-se guiar pelas coisas, ao ponto de se embriagar com as coisas, mas antes, a “ocupação com as coisas não se transforma em preocupação” (BOFF, 1994, p. 46). Estar junto ‘às coisas’, quer dizer, nos afazeres cotidianos da vida, é estar desatento, isto é, é estar longe de Deus, tão envolvido com o aqui que se afasta por completo do que é eterno. Nesse sentido, Mestre Eckhart em seu Sermão de número 86 –

A Excelência de Marta sobre Maria faz menção a passagem bíblica referente a Maria e Marta no evangelho segundo Lucas capítulo 10 e os versos de 38 a 42, onde Maria estava sentada aos pés de Jesus, ouvindo suas palavras e aprendendo, enquanto Marta estava envolvida com as coisas do cotidiano, com os afazeres do dia. Todavia, Teixeira (2012, p. 124-128) deixa claro que é possível ser um contemplador mesmo estando na condição de Marta e que ainda que se esteja no lugar de Maria não implica necessariamente em dizer que se trata de alguém que está contemplando a Deus verdadeiramente, uma vez que se pode estar assentado aos pés de Jesus mais envolvido com as representações e seus significados – ou seja, está fisicamente próximo a Deus, mas com o coração longe. Segue o texto do Evangelho de Lucas 10.38-42:

Indo eles de caminho, entrou Jesus num povoado. E certa mulher, chamada Marta, hospedou-o na sua casa. Tinha ela uma irmã, chamada Maria, e esta quedava-se assentada aos pés do Senhor a ouvir-lhe os ensinamentos. Marta agitava-se de um lado para outro, ocupada em muitos serviços. Então, se aproximou de Jesus e disse: Senhor, não te importas de que minha irmã tenha deixado que eu fique a servir sozinha? Ordena-lhe, pois, que venha ajudar-me. Respondeu-lhe o Senhor: Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada. (LUCAS 10.48-42).

Habitualmente, a interpretação desta passagem bíblica sugere que o pedido realizado por Marta, em desfavor de Maria, teria conotação de repreensão. Tendo em vista que Maria, segundo essa linha de interpretação, estava descuidada dos afazeres da casa, e naquele momento, preferiu sentar-se e ouvir a Palavra de Jesus. O que levaria a entender que Maria teria mais fé que Marta. Pois, Marta estava preocupada demais com as coisas materiais, melhor dizendo, com as coisas terrenas. Nesse entendimento, Maria teria maior importância que Marta. Todavia, a interpretação de Mestre Eckhart é totalmente diferente.

A compreensão de Eckhart sobre a passagem do Evangelho segundo Lucas não implica numa simples repreensão da parte de Marta, não é o caso de uma ter mais ou menos fé que a outra. Pelo contrário, para Eckhart, Marta se mostra preocupada com Maria, por se encontrar despreendida das coisas, com um espírito livre. O desejo de Marta é que sua irmã estivesse no mesmo estado de espírito que ela estava. Diz Eckhart:

Marta receava que sua irmã ficasse parada naquela doçura e naquele prazer; por isso desejava que ela amadurecesse como ela mesma. Por isso falou Jesus e entendeu dizer: Fica despreocupada, Marta, ela (também) optou pela melhor parte. Estas coisas aqui não de se desvanecer. A maior graça que uma criatura pode receber há de ser concedida também a ela. Será também ela bem-aventurada como tu! (ECKHART, 1994, p. 176).

Maria se entregou ao desejo de contemplar Jesus. Maria estava tomada e entregue aos seus doces sentimentos. Marta, ao contrário, já estava em completo desprendimento; Marta estava vazia de si mesma. Por este motivo pediu ao Senhor que mandasse Maria levantar. Para Eckhart, o que Marta queria era ver a irmã desprendida de seus doces sentimentos, ou seja, Maria ali sentada estava entregue a suas próprias paixões. Logo, o fato de Marta focar nos afazeres de casa não implica dizer que priorizava as coisas terrenas. Ao invés disso, Marta repreende Maria por amar a irmã. Marta estava zelando por aquilo que Maria estava vendo como mais valioso, mas que ainda não conhecia. Ressalta Eckhart, “Maria estava tão repleta de desejo que anelava por algo, sem saber exatamente o que é que desejava” (ECKHART, 1994, p. 172).

O que Mestre Eckhart quer mostrar é que, “[...] Maria concentrada em Deus como Marta ocupada com os afazeres [...] podem estar sempre na proximidade de Deus [...] em todas as coisas, em cada situação e em toda hora” (BOFF, 1994, p. 46). As atitudes de Maria e de Marta não se anulam mutuamente, não são duas atitudes que se excluem, mas sim, representam analogamente dois momentos de uma mesma vida. Pois, o que está em questão é exatamente o equilíbrio entre o ser interior e o ser exterior, um não pode anular o outro, na verdade a proposta do Mestre é que um seja complemento do outro. “Eckhart encontra em Marta a plenitude de ser ela mesma as duas irmãs ao mesmo tempo. A maturidade de Marta consiste no fato de que ela sabia que a vida contemplativa exige e conduz a uma plena vida ativa” (TEIXEIRA, 2012, p. 127-128). Lembra Eckhart, “Marta era de tal espírito, que a sua ocupação não a impedia. Seu trabalho e seus afazeres a encaminhavam para a eterna bem-aventurança” (ECKHART, 1994, p. 178). Superar o cotidiano que imprime um distanciamento entre a contemplação e o ir e vir do dia a dia é necessário para quem verdadeiramente quer ouvir e aprender de Deus. Para tal, é necessário um esvaziamento completo, puro e principalmente espontâneo, conforme o que ensina Mestre Eckhart. Uma vez que estar ou não na presença de Deus não depende do homem, mas de Deus! A forma como o indivíduo se relaciona com as coisas do mundo irá revelar as suas intenções, uma vez que é

possível estar no mundo e em Deus ao mesmo tempo, pois Deus é onipresente, isto é, está presente em todos os lugares; as coisas apontam tanto a existência de Deus, como apontam a sua presença ativa no mundo – a presença inefável de Deus.

Eckhart deixa claro que a busca por um isolamento espiritual não é indicativo de uma melhor intenção ou mesmo que se trate de uma atitude correta. A busca por mosteiros ou por instituições religiosas só revela uma coisa, que o homem ainda busca o seu próprio eu e desta forma está longe de Deus. É possível, segundo Eckhart, adorar a Deus no cotidiano – na vida ativa, bem como, na vida contemplativa. É o que se vê, a todo instante, no sermão *A Excelência de Marta sobre Maria*, onde Eckhart busca revelar a distinção entre a vida ativa e a vida contemplativa. Para Eckhart, os afazeres do dia a dia não impedem que o homem conheça e se relacione com Deus, uma vez que para ele existe uma grande diferença entre estar junto das coisas e as coisas estarem dentro do homem: “Tu estás junto às coisas, mas as coisas não estão dentro do teu espírito” (ECKHART, 1994, p. 173). Logo, “para Eckhart, o homem é capaz de realizar obras exteriores sendo interiormente unido a Deus” (TEIXEIRA, 2012, p. 125).

Quanto ao desprendimento, em seu sermão *Sobre o Desprendimento*, Eckhart afirma ser o caminho que levará o homem a máxima semelhança com Deus. Pois, o desprendimento total ou a completa disponibilidade tornará o espírito do homem inabalável diante das paixões, dos sofrimentos, das honrarias e dos “[...] insultos, como uma montanha de chumbo é insensível a um sopro de vento” (ECKHART, 1994, p. 151). É necessário que essa semelhança provocada pelo completo desprendimento seja gerada tão somente pela graça divina, “pois é a graça que desprende o homem de todas as coisas temporais e o purifica de todas as coisas passageiras” (ECKHART, 1994, p. 151). Quando o homem se encontrar vazio de si mesmo, é aí que estará repleto de Deus. Logo, no vazio do homem está Deus.

Estar em Deus é estar desprendido de tudo. O desprendimento está na base da doutrina espiritual de Mestre Eckhart. Quem busca a paz e ser puro deve possuir uma coisa, a saber, o desprendimento ou a perfeita liberdade, diz Eckhart (1994, p. 148). Para tal, pode-se mencionar, por exemplo, que o desprendimento para Eckhart, sobressai à caridade, à humildade e à misericórdia. “Os mestres louvam grandemente a caridade, a exemplo de São Paulo, que diz: Seja qual for a obra que eu faça, se não tiver a caridade, nada sou” (cf. 1Cor 13,1s) (ECKHART, 1994, p. 148). Para Eckhart, louvar a caridade é uma forma do homem chegar-se a Deus. Exercer a caridade conduz o homem a Deus por seus próprios méritos. Mas louvar o desprendimento, diz Eckhart, conduz Deus ao encontro do homem e isso é graça. “Ora, é preferível, de muito, forçar a Deus a vir a mim do que forçar-me a ir a Deus. E

isso, porque Deus pode entrar mais intimamente em mim e unir-se melhor comigo do que eu poderia unir-me com Deus” (ECKHART, 1994, p. 148). Eckhart argumenta que cada coisa busca estar onde lhe é natural e próprio, desta forma, o lugar natural e próprio para Deus é a unidade e a pureza gerada por um desprendimento total. “É necessário pois que Deus se dê a um coração desprendido” (ECKHART, 1994, p. 149).

Diz Eckhart, celebro o desprendimento mais que a caridade, tendo em vista que a caridade conduz o homem tão somente a resistir a todas as coisas. Enquanto que o desprendimento apenas visa a Deus. A justificativa para tal implica em dizer que suportar todas as coisas por causa de Deus leva o homem a sofrimentos que o impedem de acessar a Deus. Pois no sofrimento o homem estaria visando o próprio homem e não a Deus, isto é, nesse caso, seria necessário suportar primeiro o sofrimento e aí, só depois, teria acesso à presença de Deus – estamos falando de uma comunhão mediada pelos méritos do próprio homem e não pela graça. O desprendimento na perspectiva da graça salvífica conduzirá o homem a ter acesso direto a Deus, sem mediadores. “O desprendimento, porém, tão perto está do Nada que coisa alguma é subtil bastante para nele ter lugar, a não ser Deus somente” (ECKHART, 1994, p. 149).

Para o Mestre, o desprendimento está acima de toda humildade. Pois é possível existir humildade sem desprendimento, mas não há nenhuma possibilidade de alguém ser desprendido totalmente e não ser humilde. Uma vez que o desprendimento, afirma Eckhart (1994, p. 149) “toca tão de perto o Nada que não há o que se interponha entre o desprendimento perfeito e o Nada. Eis por que não pode haver desprendimento perfeito sem humildade”. Quanto à misericórdia, Eckhart diz que para exercer a misericórdia se faz necessário que o homem saia ao encontro da miséria que está no coração do outro. Mas o desprendimento se sobressai uma vez que permanece em si mesmo e não se aflige por coisa alguma. O homem desprendido completamente não será atormentado por coisa alguma. Pois o seu coração não está preso à coisa alguma. Não quero dizer que esse homem estaria buscando um isolamento, mas sim, que estaria renunciando a si mesmo. “De um tal se diz que está morto para o mundo, visto não sentir mais gosto algum pelas coisas terrenas” (ECKHART, 1994, p. 151).

Para estar disponível de forma plena, melhor dizendo, desprendidos das coisas, vazio de si, é preciso não querer ser, mas sim, ser sem precisar querer. Pois, ter títulos e reconhecimento ou mesmo ter isso ou aquilo não enaltece o homem no aspecto espiritual, nem tão pouco o aproxima de Deus. É certo que aquele que visa fazer algo de bom, seja o que for com o intuito de ser melhor ou de estar mais próximo de Deus, está completamente enganado

na tentativa de Deus vir até ele. Segundo Boff, toda nossa intenção de realizar alguma coisa deve ser gerada não para ter, mas por que se é. Logo, quando fazemos algo, o fazemos por que somos e não para sermos. O “Basear-se no ser e não no ter: eis o que nos garante estar em Deus” (BOFF, 1994, p. 47).

Neste sentido, Eckhart alerta para que o esvaziamento seja realmente total e, para tal, se faz necessário libertar-se de aspectos físicos e sentimentais; tudo aquilo que conduza o coração do homem para si mesmo o afastará de Deus, isto é, enquanto o indivíduo estiver preso as suas próprias vontades, e de tudo fizer para satisfazer suas paixões, ali ainda não está vazio e, desta forma, segundo Mestre Eckhart, Deus não está ali. É necessária uma reflexão acerca da carência que há no interior do homem e que apenas Deus pode preencher; esse fato ocorre porque o homem é fruto da criação divina, é a principal obra do criador. O homem foi criado conforme a imagem e a semelhança de Deus e gozava cotidianamente da presença de Deus, é o que mostra o texto Bíblico em Gênesis.

Então disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar. Sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão. [...] Ouvindo o homem e sua mulher os passos do Senhor Deus, que andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia [...] (GÊNESIS 1.26; 3.8).

O que vemos na narrativa Bíblica é que, quando o homem estava no estado de inocência tinha a imagem perfeita, uma vez que fora criado à imagem de Deus. Quando Adão foi colocado no Éden, era uma pessoa perfeita, tinha uma imagem perfeita, inocente e sem maldade, não era pecador nem possuía natureza pecaminosa. A Aliança de Deus com o homem condicionava a vida eterna à sua obediência: “[...] porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”, condicionou Deus (Gn 2.16,17), isto é, antes de desobedecer a Deus, e assim dar origem ao pecado em meio aos homens, o que é chamado de pecado original: pecado original porque é derivado da raiz original da raça humana, ou seja, todos os descendentes de Adão herdaram esse mal, está presente na vida de todo e qualquer indivíduo, desde a hora do seu nascimento (BERKHOF, 2001, p. 227 e 228) Adão era potencialmente eterno e desfrutava cotidianamente da presença de Deus, que vinha ao encontro do homem no fim do dia, havia ali uma perfeita comunhão Deus e homem; havia uma intimidade com o Criador; Adão era vazio do mal e cheio da presença de Deus cotidianamente. Mas essa

imagem perfeita foi perdida com o advento do pecado no ser do homem e, assim, o que era não é mais. Certamente que com a desobediência ocorreu a separação de Deus com o homem, a comunhão espiritual foi rompida, Adão estava preso ao pecado, estava preso a si mesmo. Todavia, Deus continua Santíssimo, mas o homem foi destruído pelos vírus do pecado; não se trata de uma distância espacial ou geográfica, mas de natureza. E é desse contato do fim do dia que o homem é carente, dessa intimidade que sente falta e, assim, busca de todas as formas reestabelecer essa comunhão, mas conforme Eckhart é uma busca nula se o homem não trilhar pelo caminho do desprendimento. “Assim sendo, se o homem deve assemelhar-se a Deus, na medida em que uma criatura pode ser semelhante a Deus, isso se fará pelo desprendimento” (ECKHART, 1994, p. 151).

É nessa condição que Mestre Eckhart afirma que Deus vai ao encontro do homem, e não o contrário. Todavia, Deus vai ao encontro do homem quando esse por sua vez se encontrar vazio, desprendido, disponível, isto é, quando ocorrer uma renúncia de si mesmo, um abandono do *ego*, quando se esvazia de tudo. Para Eckhart é mais louvável o desprendimento em detrimento, por exemplo, do sentimento como caridade e misericórdia. Tendo em vista que se faz necessário estar vazio destes atributos, que por muitos são desejados, mas que segundo o Mestre só mostra que o indivíduo que assim age está exaltando nada mais que o seu próprio interior e, desta forma, seu coração está longe de Deus, pois, estar cheio de caridade e de misericórdia só envaidece e não conduz o homem a imagem perfeita, ou seja, não aproxima o homem de Deus ou como diz Mestre Eckhart, não aproxima Deus do homem. Deus se fará presente no vazio do homem, quando este se desprender totalmente.

A caridade e a misericórdia tão somente envaidece o ego do indivíduo, estar cheio desses valores não é de forma alguma para Eckhart garantia de se reestabelecer a imagem perdida, logo, tais atributos não religam o homem a Deus ou mesmo Deus ao homem. Mas sim, irá satisfazer apenas a vaidade humana por reconhecimento. Porque quando se busca isso ou aquilo, ser e o deixar de ser, tais coisas se tornam o alvo do sujeito, o foco e o desejo muitas vezes de toda uma vida, e desta forma não há espaço para um encontro real com Deus. Os homens dizem eu sou isso ou aquilo, se gloriam em ter atributos, títulos, fama, reconhecimento e, assim, esquecem que a fonte dos atributos é maior que o próprio atributo. Estão cheios de toda criatura e vazios de Deus, mas quando se desprenderem e se esvaziarem de toda criatura estarão cheios de Deus – pois só no vazio do homem estará Deus.

A mística proposta dentro do conceito eckhartiano de *abgeschiedenheit* aparece como um processo existencial do indivíduo. Para Eckhart, este processo existencial é chamado de

desprendimento, não se trata de regras ou normas, mas é algo que transforma a maneira de se ver a realidade, isto é, a compreensão da realidade por parte do indivíduo cresce junto com sua disponibilidade na busca de se desprender a cada dia, trata-se de uma busca constante pelo perfeito equilíbrio interior. É necessário que Deus possa nascer no interior do homem, ou seja, em sua alma. Em Eckhart, isso só é possível quando o interior da alma esteja completamente vazio para receber Deus.

Ora, segundo Eckhart, para o homem se unir a Deus é necessário que ele se volte para seu interior. O homem deve ser desprendido para se relacionar com Deus. Deverá estar vazio de si. O desprendimento é o que possibilitará ao homem uma perfeita comunhão com Deus. Por outro lado, o apego ao eu criará empecilhos, tendo em vista que o apego ao eu acarretará todos os demais obstáculos para si mesmo. Impossibilitando assim uma vida de liberdade plena em Deus. Nessas condições, sair de si mesmo é algo necessário. E ao sair de si mesmo o indivíduo passará a mergulhar no ser Deus, melhor dizendo, quando o homem se esvaziar de si, quando estiver disponível de forma plena, num perfeito equilíbrio interior – Deus o preencherá com todo o seu ser.

Ao homem que assim tivesse saído de si mesmo, de tal modo que fosse o Filho unigênito, a ele seria próprio o que é próprio ao Filho unigênito [...]. Quando Deus vê que somos o Filho unigênito, ele se precipita e se lança ao nosso encontro com tanta veemência, [...] como se seu ser divino se lhe fosse despedaçar e quisesse tornar-se nada em si mesmo, a fim de nos revelar todo o abismo de sua deidade e a plenitude do seu ser e da sua natureza; Deus se apressa para ser totalmente o nosso próprio, assim como é o seu próprio. (SERMÃO 12, I, p. 102. Grifo nosso).

Só o desprendimento capacitará o homem a receber Deus. Só o “[...] puro desprendimento ou total disponibilidade [...]” (ECKHART, 1994, p. 148), permitirá que o homem se relacione de uma forma perfeita e mais estreita com Deus. Por isso, mostra Eckhart (1994, p. 148), “eis por que Nosso Senhor disse a Marta: *unum est necessarium*[...], isto é: Marta, quem quer ter a paz e ser puro deve possuir uma coisa: o desprendimento ou a perfeita liberdade”. O desprendimento irá gerar no homem uma unidade e uma pureza e, só assim, Deus preencherá o interior do homem com todo o seu ser.

O homem desprendido, isto é, aquele que se encontra vazio de toda e qualquer vontade, só quer uma coisa: fazer unicamente a vontade de Deus. Todavia, é bom ressaltar,

que se trata de um querer que não quer. Em Eckhart, a própria vontade de realizar a vontade de Deus seria um indicativo do não desprendimento, ou seja, um empecilho ao real encontro com Deus. Nesse sentido, esse querer é gerado no desprendimento, e não apenas um querer por querer. Mas, um querer sem querer! É fazer porque é, e não fazer para ser. Pois, “se as pessoas e suas atitudes forem boas, suas obras brilham com toda claridade” (ECKHART, 1994, p. 104).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, podemos então dizer que o homem distante de Deus (separado) está desconsolado. Mas, conforme o que foi exposto, vemos que a divina consolação vem por meio do desprendimento. Pois Deus sempre está próximo ao homem, mesmo quando o homem pensa estar longe de Deus. O certo é que, mesmo quando Deus não pode estar dentro do homem, Ele está perto! A proposta em Eckhart é “[...] unicamente uma perfeita renúncia de si mesmo” (ECKHART, 1994, p. 101). Não é algo fácil, nem simples. Nem tão pouco será possível para aquele que quer. Mas como já foi dito, o desprendimento conduzirá o homem a atitudes que são geradas no seu interior.

O homem é movido a agir por que é e não o contrário. Não se pode fundamentar a santidade, por exemplo, no fazer, antes se deve estar fundamentando a santidade em ações (obras), diz Eckhart (1994, p. 104). Só o pleno esvaziamento de si e o perfeito equilíbrio interior, possibilitará o real encontro de Deus com o homem. No vazio do homem estará o próprio Deus. Essa é a divina consolação vista em Eckhart, que havendo o esvaziamento de si, ou seja, ocorrendo o desprendimento total – Deus habitará no ser do homem com plenitude.

A utilidade do desprendimento total é visto nas palavras de Cristo segundo escreveu o Apóstolo João em seu evangelho (Jo 16.7), disse Jesus: “Convém a vós que eu vá. Porque, se eu não for, não virá a vós o Espírito Santo”. Jesus estava dizendo aos apóstolos que era necessário o desapego a imagem humana dele, pois, quando deixamos as coisas terrenas e temporais é que estamos prontos para nos achegarmos ou mesmo recebermos as eternas. Todavia, é compreensível a dificuldade de se aceitar aquilo que não se pode ver e nem tocar. O desprendimento antes de tudo é obra da graça e, assim sendo, não é algo que ocorrerá com todos, mas sim, com todo aquele ao qual Deus encontrar disponibilidade. E onde não encontrar disponibilidade ele mesmo a fará.

GOD IS IN MAN BLANK - ON THE DETACHMENT IN MASTER ECKHART.

ABSTRACT

In this research we see that the proposed disengagement in Eckhart is not and should not be understood as being utilitarian or even useful. Considering that man is not left with the detachment dynamics, since it is the detachment itself that has the man, or rather, only the one who lives in detachment dynamics can understand it.

For Eckhart, the detachment is above love, humility, mercy and other virtues, because when we refer to a particular virtue, we want to conquer it. However, the true detachment is not attached to it, but will be detached from the detachment itself, it is a wish without wishing. The mystical proposal within the eckhartian concept of detachment aims to restore a dialogue between God and man. Where to do so, it is necessary to seek the true meaning of being unfastened.

Man must return to God with all your being. However, the proposed Eckhart, is that this return to God must be given in daily life, set in the most common situations possible. It is in everyday life that reveals a selfless life. So the detachment does not follow rules or standards.

Keywords: Master Eckhart. Divine Consolation. Detachment. Emptiness. Medieval Philosophy.

REFERÊNCIA

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001.

BÍBLIA DE ESTUDO GENEBRA, Editora Cultura Cristã, 1999.

BOFF, Leonardo. **Introdução** ao Livro da Divina Consolação e outros textos seletos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 9-48.

MESTRE ECKHART. **A Divina Consolação e outros textos seletos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Excelência de Marta sobre Maria** - Sermão 86. Filelis Vering. In: O Livro da Divina Consolação e outros Textos Seletos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **O Desprendimento, A Completa Disponibilidade, A Total Liberdade**. Raimundo Vier. In: O Livro da Divina Consolação e outros Textos Seletos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

PORETE, Marguerite. **O espelho das almas simples**. Petrópolis: Vozes, 2008.

RASCHIETTI, Matteo. **Milenarista ao avesso, Místico “em termos”**: O caso de Meister Eckhart. Revista de Filosofia, Amargos-BA, v.6, n.2, p. 41-62, dezembro/2012.

RAIMUNDO, Vier. **Nota explicativa à tradução do tratado O DESPRENDIMENTO, A COMPLETA DISPONIBILIDADE, A TOTAL LIBERDADE**. Mestre Eckhart In: A Divina Consolação e outros textos seletos. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

STEFANI, Wagner Aparecido; MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. **UNIDADE E DESPRENDIMENTO. OS CONCEITOS MÍSTICOS DO PENSAMENTO DE MESTRE ECKHART**. Texto integrante dos Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008.

TEIXEIRA, Faustino. **Caminhos da Mística**. São Paulo: Paulinas, 2012.